

## **A POLISSEMIA E A HOMONÍMIA EM TEXTOS TRADUZIDOS DO ITALIANO PARA O PORTUGUÊS**

Reginaldo Francisco, Claudia Zavaglia. Letras — Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor — Departamento de Letras Modernas — Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas — Campus de São José do Rio Preto.

Ao contrário do que se costuma pensar, as maiores dificuldades para o tradutor não estão nos conceitos intraduzíveis, mas sim nas palavras “traduzíveis”, pois as mais simples delas podem constituir verdadeiras armadilhas para o tradutor. Com base nessa idéia e em outros conceitos derivados, principalmente, das reflexões teóricas de Rónai e Aubert, fazemos um estudo sobre a tipologia das dificuldades concernentes a dois fenômenos lingüísticos com os quais um tradutor do italiano para o português do Brasil se defronta no seu ato tradutório: a polissemia e a homonímia.

Conforme Rónai (1987, p.13), outrora, sem maior reflexão, julgava-se que todos os textos literários pudessem ser traduzidos. Modernamente, conhecemos teorias opostas, que afirmam serem todos os textos literários essencialmente intraduzíveis pela própria natureza da linguagem. Os defensores dessa idéia apontam, com razão, que cada palavra só tem significação dentro de um contexto, ou seja, dentro de uma frase ou trecho em que se encontra, compreensível somente por sua relação com um conjunto de outras frases lidas e ouvidas anteriormente. Assim sendo, as palavras, ou mesmo frases, quando traduzidas, ficariam arrancadas do contexto de sua língua fonte. Além disso, o próprio pensamento é condicionado pelo idioma, ou seja, certas idéias só podem surgir na consciência de falantes de determinado idioma, existindo, portanto, uma relação entre o pensamento e seu meio de expressão.

Dessa forma, teoricamente, as maiores dificuldades para a tradução seriam as holófrases, conceitos que só têm designação num certo idioma. Para Rónai (1987, p.16), entretanto, nesses casos o tradutor nem precisa tentar a tradução; pode manter o termo primitivo, utilizando grifos, aspas e notas de rodapé. Ou seja, pelo menos na tradução em prosa, não são essas palavras que mais causam dificuldades ao tradutor, mas aquelas que, parecendo fáceis de traduzir, na verdade escondem as mais diversas ciladas.

Aubert (1994) analisa os vários fatores lingüísticos e extralingüísticos, subjetivos e intersubjetivos que, com freqüência e pesos variados, influenciam o processo tradutório. O autor estuda tais fatores a partir de sua relação com os componentes do ato comunicativo: emissor, receptor, códigos, referentes, canais. As “armadilhas” a que se refere Rónai (1987) são abordadas por Aubert (1994) principalmente no capítulo sobre a influência dos códigos no ato tradutório, no qual o autor inclui no conceito de código não só os componentes fonológico/grafológico, morfossintático, lexical e semântico, mas também a estilística de cada língua e a visão de mundo relacionada a ela. Foram essas reflexões que nos levaram a realizar este trabalho, parte de um outro maior que visa à elaboração de um guia que aponte essas dificuldades ao tradutor aprendiz.

Para realizar esse levantamento, tomamos como base um *corpus* composto por traduções produzidas por aprendizes de tradução que cursavam as disciplinas de Prática de Tradução em Língua Italiana I, II e III (textos jornalísticos, técnico-científicos e literários, respectivamente) no curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor no Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas da UNESP de São José do Rio Preto. Ao pesquisarmos esse tipo de texto, nossa intenção foi obter uma quantidade de exemplos representativa, já que os tradutores menos experientes tendem a produzir com mais freqüência os equívocos que nos interessam. Entretanto, para estudar, a partir de traduções produzidas por alunos, os problemas enfrentados pelo tradutor em razão dos códigos envolvidos no ato tradutório, no caso as línguas italiana e portuguesa do Brasil, precisamos definir com quais critérios distinguir tais problemas, tendo em mãos apenas o produto final desse ato, ou seja, como caracterizar uma inadequação de tradução que pudesse nos levar a eles. Para estabelecer esses critérios foi necessário abordar a controversa questão da fidelidade.

Aubert (1994) questiona o conceito comum de fidelidade lembrando que, ao produzir linguagem, o emissor participa de uma interação comunicativa que possui três tipos de mensagem: a *mensagem pretendida*, aquilo que o autor “quis dizer”, sua intenção comunicativa; a *mensagem virtual*, conjunto das interpretações possíveis a partir da mensagem efetivamente gerada; e a

*mensagem efetiva*, realizada na recepção, condicionada em parte pela expressão lingüística e em parte pelo saber e pela intenção receptiva do destinatário. A tradução parte de uma mensagem efetiva decodificada pelo Receptor-Tradutor e a transforma numa segunda mensagem pretendida. Esta, por sua vez, passará pelas mesmas vicissitudes que a primeira, resultando em nova mensagem virtual, a qual será apreendida numa nova mensagem efetiva a cada novo ato de recepção/leitura.

Além disso, o compromisso de fidelidade do tradutor não é apenas para com o texto original, mas também para com as expectativas, necessidades e possibilidades dos receptores finais, ou melhor, com a imagem que ele faz delas. Ou seja, o requisito da fidelidade tende a requerer do tradutor a busca de um ponto de equilíbrio entre alteridade e identidade, ponto esse que não é fixo e imutável, mas apresenta oscilações condicionadas pelos diversos fatores presentes no processo tradutório.

Rónai (1981), por sua vez, acredita que “a noção de fidelidade implica talvez menos aderência às palavras da língua-fonte do que obediência aos usos e às estruturas da língua-alvo”. (RÓNAI, 1981, p.19)

Também convém ressaltar que não pretendemos entrar, na nossa pesquisa, em questões de mérito em relação às traduções, isto é, não estamos à procura de “erros” de tradução, pois, conforme Rónai (1987), como não existem equivalências absolutas entre duas línguas, frequentemente as palavras, expressões ou frases podem ser traduzidas de duas ou mais formas, sem que se possa dizer qual é a melhor. Não há, portanto, uma tradução ideal para determinado texto.

Considerando que nenhuma das obras consultadas nos fornecera explicitamente os critérios de que necessitávamos para a análise das traduções, elaboramos, seguindo a noção de fidelidade como uma obrigação dupla para com original e para com a língua da tradução, os itens abaixo, que consideramos serem inadequações para as quais atentar na análise das traduções:

- I) trecho traduzido que demonstre interpretação sintática inexata do original;
- II) tradução de uma palavra ou expressão por outra que cause desvios muito acentuados daquilo que entendemos reproduzir a mensagem original;
- III) trecho traduzido que não pareça natural, ou seja, não apresente fluência, na língua de chegada;
- IV) trecho traduzido que contenha ambigüidade não-intencional;
- V) trecho traduzido cujo registro e/ou gênero discursivo não corresponda àqueles utilizados no original.
- VI) trecho traduzido que contenha inadequações em relação às regras gramaticais e de uso da língua de chegada.

Após o levantamento e a análise dos problemas em traduções verificados a partir desses critérios, realizamos uma separação, dentre as ocorrências arroladas, daquelas motivadas pelos fenômenos da polissemia e da homonímia.

As linhas limítrofes entre os conceitos de homonímia e polissemia não são muito claras, o que dá margem a várias discordâncias entre os estudiosos do assunto. Entretanto, conforme já afirmava Rónai (1981), “a distinção [entre itens lexicais polissêmicos e homônimos] importa pouco ao tradutor para quem uns e outros significam perigo” (p. 40).

De fato, as armadilhas causadas pelos dois fenômenos são bastante semelhantes. No entanto, estudamos, mesmo que sucintamente, os conceitos de um e outro antes de passar à análise de casos problemáticos relacionados a eles.

De acordo com Sandmann,

*a polissemia é a figura em que a um significante correspondem significados aparentados (dois ou mais) — estamos diante de uma unidade lexical apenas, mas com diferentes acepções — enquanto a homonímia é a figura em que a um significante correspondem significados diversos (dois ou mais) — estamos diante de duas ou mais unidades lexicais diferentes.*

(SANDMANN, 1990, p. 2)

Na verdade, essa noção de diferença entre os dois fenômenos é bastante aceita. O que muito se discute é exatamente quais critérios deve-se utilizar para estabelecer se estamos diante de uma mesma palavra com dois sentidos diferentes, ou seja, um caso de polissemia, ou se o que temos

são duas palavras diferentes que por coincidência são representadas pela mesma sequência de fonemas, quando então tratar-se-ia de homonímia.

Alguns estudiosos defendem um critério etimológico, ou seja, por meio da etimologia das duas palavras descobriríamos se elas apresentam a mesma origem, tratando-se assim de um mesmo vocábulo polissêmico, ou se têm origens diversas, quando então seriam apenas homônimas. Esse critério ainda é largamente empregado no processo de elaboração de dicionários, nos quais geralmente os itens lexicais polissêmicos têm todas as suas acepções apresentadas num mesmo verbete, enquanto que àqueles homônimos são reservados verbetes distintos.

Existem, porém, outros autores que contestam o critério etimológico, já que o falante comum geralmente desconhece a etimologia das palavras. Por essa razão, existem autores que defendem uma visão sincrônica da questão. De acordo com tal visão, diferenciaríamos polissemia e homonímia de acordo com a existência ou não de traços semânticos comuns entre os vocábulos, ou, ainda, como sugere Lyons (1987), abandonaríamos totalmente os critérios semânticos, contando apenas com critérios sintáticos e morfológicos, de forma que veríamos em todos os casos “dois significados (prontamente distinguíveis) de um mesmo lexema sincronicamente polissêmico”

Zavaglia (2003) demonstra em seu artigo a aplicação do critério semântico proposto por Pottier (1968), segundo o qual a distinção entre os dois fenômenos poderia ser realizada pela existência ou não de semas em comum:

“(...) os casos de homonímia abarcam sememas completamente disjuntos, isto é, independentes um do outro, em que não há coincidência de nenhum sema (**manga** “fruta” X **manga** “parte do vestuário”); já os casos de polissemia abrangem formas em que pelo menos um sema ocorre em oposição significativa, isto é, existe uma intersecção de traços significativos entre as formas (**capa** de livro x **capa** de chuva)” (ZAVAGLIA, 2003, p. 253-54)

A autora também menciona a ressalva feita por Silva (1989), que também propõe o critério da análise sêmica, mas salienta a importância de descartar semas genéricos como “objeto físico”, “concreto”, “inanimado”, etc. Assim, a distinção entre polissemia e homonímia dependeria da existência de pelo menos um sema **específico** comum.

Em nosso trabalho procuramos distinguir um fenômeno do outro com base principalmente na análise sêmica sugerida por Zavaglia (2003). No entanto, não nos ocupamos demais com esse aspecto para não nos afastarmos muito de nosso objetivo central mais prático.

Os resultados de nossa pesquisa evidenciam claramente que os fenômenos da homonímia e da polissemia podem, das mais diversas maneiras, induzir o tradutor aprendiz (e não raro o profissional) a raciocínios e interpretações equivocadas, que podem resultar em traduções problemáticas.

Na tradução do manual de um forno, por exemplo, os tradutores aprendizes depararam-se com o seguinte período: “*Le numerose e svariate proposte di questo **ricettario** Vi faciliteranno senz’altro il compito di mettere ogni giorno in tavola piatti raffinati e al contempo gustosi*”. O vocábulo *ricettario* em italiano quer dizer “conjunto de receitas”, referindo-se tanto a receitas médicas como culinárias. Já seu correspondente no português, “receituário”, refere-se somente a receitas médicas, conforme indica Ferreira (1999). Também “receitário”, que significa “lugar para guardar receitas”, não inclui o contexto culinário como a palavra italiana. Assim, a melhor solução para traduzir *ricettario*, fornecida por quatro aprendizes, seria “livro de receitas”: “As numerosas e variadas propostas deste **livro de receitas**, sem dúvida/certamente, facilitarão a (sua) tarefa de todos os dias levar à mesa pratos requintados/refinados e, ao mesmo tempo, saborosos/gostosos.” Três outros, no entanto, sem perceber a diferença na polissemia dos termos nas duas línguas, traduziram o trecho utilizando “receituário” ou “receitário”, impróprios para esse contexto.

Em outro dos 16 exemplos mais significativos que escolhemos para o presente trabalho, encontramos um caso relacionado com a homonímia. Traduzindo um texto retirado de uma revista feminina, os aprendizes encontraram o seguinte trecho: “*E come nascerà questo bambino? Con quali **tare** fisiche o psichiche?*”. *Tare*, aqui, é o plural de *tara*, “doença ou defeito físico, geralmente hereditário”, conforme definição traduzida de Accornero (2000). A palavra, inclusive, também existe em português, com o mesmo sentido. Assim, a maioria dos alunos produziu boas traduções: “E como nascerá essa criança/esse menino? Com quais **deficiências/defeitos/características** físicas/físicos ou

psíquicas/psíquicos?”. Porém, tanto o vocábulo italiano como o português têm um homônimo com significado específico da área comercial: “Abatimento no peso de mercadorias, atendendo-se ao vaso ou envoltório em que estão acondicionados” (FERREIRA, 1999). Um dos tradutores aprendizes possivelmente encontrou em um dicionário bilíngüe a correspondência de *tara* com “abatimento” e, sem se dar conta do contexto em que essa correspondência seria válida, empregou-a inadequadamente em sua tradução: “E como nascerá esta criança? Com quais **abatimentos** físicos ou psicológicos?”

A pesquisa dessas e das demais ocorrências demonstram que as consequências desses equívocos podem ser de graus diferentes de acordo com a importância do trecho para a compreensão global do texto, comportando desde problemas de efeito estético em textos literários até problemas práticos nos textos técnico-científicos. Desse modo, confirma-se a crença de Rónai (1987) de que as maiores dificuldades para o tradutor seriam não as palavras e expressões impossíveis de serem traduzidas, mas aquelas que, sendo traduzíveis, escondem ciladas como a polissemia e a homonímia.

## Bibliografia

- AUBERT, F.H. *As (in)fidelidades da tradução: Servidões e autonomia do tradutor*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- \_\_\_\_\_. Descrição e quantificação de dados em tradutologia. *Tradução e Comunicação*. São Paulo, n. 4, 1984, p.71-82.
- LYONS, J. 1987. *Semântica – I*. Tradução de Averbug, M. W. & Souza, C. S. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1987.
- MARTINS FILHO, E.L., *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S.Paulo*. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997. p. 315-320.
- PRETI, D. “Oralidade e narração literária”. *Revista da ANPOLL*, n.4, jan./jun. 1998. p.81-96.
- RÓNAI, P. *A tradução vivida*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Escola de tradutores*. 6. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Guia prático da tradução francesa*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SANDMANN, A. J. Polissemia e Homonímia. In: M. H. de M. Neves. *Descrição do Português*. Publicação do Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Ano IV – Nº 1. UNESP – Campus de Araraquara, 1990.
- ZAVAGLIA, C. “Ambiguidade Gerada pela Homonímia: Revisitação Teórica, Linhas Limítrofes com a Polissemia e Proposta de Critérios Distintivos”. *DELTA Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. V.19-2. São Paulo: Educ, 2003.

## Dicionários

- ACCORNERO, L. (org.), *DIGITA – Dicionario Interativo Garzanti della Lingua Italiana*. Milano: Garzanti, 2000 (versão eletrônica)
- BENEDETTI, I. (Org). **Dicionário Martins Fontes Italiano-Português**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DE MAURO, T. **Il dizionario della lingua italiana**. Paravia (versão on-line)
- FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio – Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (versão eletrônica)
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F.M.M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (versão eletrônica)
- POLITO, A.G. **Michelis minidicionário italiano-português, português-italiano**. São Paulo: Melhoramentos, (1996)
- SABATINI, F.; COLETTI, V. **Dizionario di Italiano Sabatini-Coletti**. Firenze: Giunti, 1997. (versão eletrônica)
- ZINGARELLI, N. **Vocabolario della lingua italiana**. Bologna: Zanichelli, 2000.

**Bolsa:** FAPESP